



## **10º Simposio de Ensino de Graduação**

### **O CONHECIMENTO HISTÓRICO E O SUJEITO NO TEMPO PRESENTE: CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA?**

#### **Autor(es)**

---

ALLINE CRISTINA BASSO

#### **Co-Autor(es)**

---

LUCCAS ESCHER GUARASEMINI

#### **1. Introdução**

---

Quantas vezes durante uma aula de História o professor percebe que esta dialogando com várias e, às vezes, até conflituosas concepções de História que se misturam no imaginário dos alunos no interior de uma sala de aula. Como vincular a ela os conteúdos e conceitos básicos para o Ensino de História? Será que o conhecimento histórico vem sendo entendido de maneira condizente com os objetivos que o ensino de História procura ter? Buscando problematizar questões referentes ao Ensino de História a preocupação veio em perceber as perspectivas (no sentido de 'esperado do futuro') emergentes no imaginário de alunos do Ensino Médio. Foi proposto, em pesquisa realizada em fevereiro do corrente ano, a eles discursarem de maneira pessoal sobre a serventia que percebiam na História, no ensino dela. Entendendo que "a sala de aula não é um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos" (SCHMIDT, 2009, p. 57). Torna-se, dessa forma, interessante buscar pelos sentidos dado ao Ensino de História pelos interlocutores da sala de aula. Para tanto ao realizar uma análise dos conceitos fundamentais para o Ensino de História, estabelecidos por alunos do Primeiro e Segundo ano do Ensino Médio.

#### **2. Objetivos**

---

A intenção deste texto é aprofundar o conceito de Sujeito Histórico com o objetivo de procurar por em diálogo algumas destas concepções percebidas nos textos dos alunos e perceber suas implicações para as perspectivas do Ensino de História. Propondo argumentar em que medida é possível trabalhar com um conceito de Sujeito que lhes auxiliem em sua vivência como cidadãos também fora da escola.

Dessa forma, este trabalho vinculou-se a nossas preocupações enquanto professores de História em início de carreira, e procuramos dessa forma problematizar mais questões referentes ao tema de Ensino de História, sendo fruto de discussão recente que tivemos e está em processo de desenvolvimento.

#### **3. Desenvolvimento**

---

Nossa pesquisa realizou-se em fevereiro deste ano numa cidade do interior do Estado de São Paulo que tem, segundo site da prefeitura, 6.016 habitantes. Há nela quatro escolas, três municipais (sendo uma de tempo integral) e uma estadual inaugurada em 1932 e que ocupa o mesmo prédio desde 1964. Nosso cenário de investigação foi esta única escola estadual que segundo reunião de professores, tem 812 alunos matriculados de idade entre 11 a 19 anos, atendendo deste o sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro

do Ensino Médio. A Escola funciona em três turnos e para atender estes alunos a escola conta com 32 professores, totalizando 51 funcionários. Dos primeiros e segundos anos do Ensino Médio, no turno noturno, que recolhemos material, há um total de 202 alunos, destes 77 meninos e 125 meninas, com a faixa etária de 14 à 19 anos, sendo que desse total de alunos 45 trabalham.

Importante são as contribuições trazidas por BITTENCOURT (2009) considerando que “um primeiro desafio para quem ensina História parece ser a explicação da razão de ser da disciplina” o professor se vê “buscando atender aos anseios de jovens que arditosamente fazem perguntas inocentes, como “Porque estudar História? Porque o passado, se o importante é o presente?”. E “Independente das dúvidas dos alunos e das respostas dos professores, a História continua a existir nos currículos e a disciplina reformula-se em textos oficiais e em livros didáticos que crescem em títulos e circulação” (p.11).

Para FONSECA (2003), “a característica comum a todas as propostas curriculares para o ensino de história emergentes a partir dos anos 80 aos é a mudança do objetivo da disciplina, que passa a ser categoricamente ‘a preparação dos cidadãos para uma sociedade democrática’”. O ‘novo’ ensino de História que se esboça pós-ditadura militar assume a responsabilidade de “formar o ‘novo’ cidadão, capaz de intervir e transformar a realidade brasileira” (p.92). E nesse sentido “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, intervenção social e práxis individual e coletiva” (p. 89).

Por sua vez BITTENCOURT (2009) sinaliza que “para a maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação uma postura crítica em relação à sociedade em que vive”. Uma vez que os textos oficiais reiteram, com insistência, que “o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente” e perceber-se como também “agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática” (p. 19).

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a História “procura contribuir com sua potencialidade cognitiva e transformadora” (p. 66) procurando “oferecer-lhes condições para refletirem criticamente sobre suas experiências de viver a história” de modo que possam “identificarem as relações que essas guardam com experiências históricas de outros sujeitos em tempos, lugares e culturas diversas das suas” (p. 65). O documento ainda estabelece como objetivo “preparar o educando para a vida, para o exercício da cidadania, para sua inserção qualificada no mundo do trabalho, e capacitá-lo para o aprendizado permanente e autônomo, não se restringindo a prepará-lo para outra etapa escolar ou para o exercício profissional” (p. 67).

O Currículo de História do Estado de São Paulo estabelece “O educando deverá ser capaz de refletir sobre si mesmo, reconhecendo-se como integrante, dependente e agente transformador do ambiente, cuidando para preservá-lo”, ou seja, deve possibilitar a estes assumirem “posturas e atitudes de intervenção solidária na sociedade, visando à conquista de níveis elevados de qualidade de vida para si e para o conjunto de cidadãos” (p. 30).

De fato as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio na disciplina de História entende que “Os sujeitos históricos, que se configuram na inter-relação complexa, duradoura e contraditória das identidades sociais e pessoais, são os verdadeiros construtores da História”. Sendo necessário acentuar que “A trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos”, mas sim “conseqüência das construções conscientes ou inconscientes, paulatinas e imperceptíveis, de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos” (p. 75).

Segundo BITTENCOURT, (2009) é esta a “Inovação que ocorre aos objetivos” enfatizando o “Papel do ensino de História para a compreensão do ‘sentir-se sujeito histórico’ em sua contribuição para a ‘formação de um cidadão crítico” (p. 19). Com isso “Ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História”.

#### 4. Resultado e Discussão

---

Dentre tantas as frases enunciadas pelos alunos, uma nos chamou mais atenção, para eles a história serve “para saber as coisas dos antepassados”. Interessante destacar que a palavra antepassado foi bastante mencionada nos conceitos levantados pelos alunos nos deixando duas hipóteses. Em primeiro, os alunos do 1º ano de Ensino Médio já tinham observado, quem sabe por conta da nossa proposta, às matérias que seriam dadas no primeiro semestre e se lembraram da pré-história. Se for neste sentido a palavra antepassado em sinônimo de ancestral e corresponde aos conceitos explicitados nos primeiros conteúdos do 1º ano. Entretanto, para alguns acreditamos que a palavra designa ‘antecessor’ se aproximando do conceito de sujeito histórico. Ao longo dessas frases, os alunos denotam enunciados de uma concepção de sujeito histórico não tivemos evidências de que se quis dizer um sujeito ativo. No limite, dessa forma, ocupamos um espaço que um antecessor ocupou. “Para nós termos mais conhecimentos sobre o que aconteceu anos atrás, como era nossos descendente de nossos familiares e acontecimentos importantes do passado” O sentido de Antecessor foi bem explorado nesta frase, mas também não demonstra compreensão de sujeito ativo na História atribuindo-lhe a serventia de “Ter um conhecimento sobre quem viveu antes”.

Em outra passagem a história é dita como “Importante porque você faz história, sua família para você já é uma história. Mas a história verdadeira tem guerras, escravidão, traição e blasfêmias e cristianismo tudo é história”. Na primeira frase podemos perceber uma aproximação de seu pensamento ao conceito de sujeito histórico próximo as abordagens dos documentos, mas logo em seguida este aluno diz que esta aproximação não é a “história verdadeira”, sendo que esta se preocupa com temas, trazendo personagens famosos

para explicar as temáticas da História afinal para muitos alunos a História serve “Para aprender sobre o passado, porque a história serve para estudar a ‘história de alguém’ ou de alguma coisa”.

Um aspecto importante lembrado pelo Currículo de História do Estado de São Paulo é considerar que o ensino de História “consiste em reforçar no aluno a percepção de que o processo histórico não decorre apenas dos heróis, aqueles grandes personagens que figuram no panteão da pátria” (p.33), assim, de acordo com este documento não se deve realizar a ação de inferir nos sentimentos de inferioridade nas pessoas comuns. A principal característica dessa concepção de história percebida pelo aluno “É a exclusão: sujeitos, ações e lutas sociais são excluídos”. Divulgando a “idéia: vocês não fazem história, nós não fazemos história. A história é feita por e para alguns, que não somos nós, são outros e são poucos” (FONSECA, 2003, p. 90).

Conceber a História como o resultado de sujeitos históricos implica em nos colocar em postura ativa frente a nossa sociedade, com esta postura pragmática o ensino de História passa a ter relações com o presente servindo para “Para entender e compreender o nosso dia a dia” “tornando o cotidiano mais compreensível” aprendendo “Algumas coisas do passado e também do presente através dele mesmo” buscando “construir um futuro a partir do se conhece do passado”. Ou “Para que possamos saber um pouco do passado e para termos o conhecimento também do presente” servindo, conforme anuncia o Currículo do Estado de São Paulo, como uma espécie de “ponte intelectual que pode nos levar aos lugares de onde viemos para saber o que é quem somos e, principalmente, o que poderíamos ser”, pois “um dos principais compromissos da cultura histórica é com a constante elaboração estética do mundo social, movendo-se sempre na contramão do esquecimento” (p. 29). E completa “ela continua sendo uma janela indispensável que se oferece para observação, análise, avaliação e crítica das práticas sociais ao longo do tempo, sem excluir o presente” (p.30). Neste sentido deve-se perceber o “Fabuloso espetáculo da História, misturando o ontem com o hoje”, vindo a contribuir para “o prazer da descoberta” (p.33).

Devendo “contribuir para libertar o aluno do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos”, de forma a “entender que cidadania não se constituiu em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas constantes e em suas diversas dimensões” (BITTENCOURT, 2009, p. 20).

Esta interlocução entre passado e presente faz parte também da constituição do saber histórico escolar “afinal, se o professor é o elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é necessário que ele conheça, da melhor forma possível, tanto um quanto outro”. Mas “isso não terá nenhum valor operacional se ele não conhecer o universo sociocultural específico do seu educando, sua maneira de falar, seus valores, suas aspirações”. Dessa forma “as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente” (PINSKY & PINSKY p. 23).

## 5. Considerações Finais

---

“De fato, conceitos certamente não são questões consensuais, já que os conceitos ou categorias são abertos, são vetores à espera de concretizações com base na elaboração de conhecimentos específicos, de acordo procedimentos próprios da disciplina História” (BEZERRA, 2010 p. 47). Como considerações possíveis, de fato parciais, destacamos que não se trata de procurar por consenso, mas de buscar meios se trabalhar com os conteúdos propostos de forma a sugerir, e ampliar outras possibilidades de se perceber o Ensino de História. A diversidade de conceitos, que aqui nos servem de “Indicadores de expectativas analíticas” (p. 46), levantadas pelos alunos comprova a presença de vários imaginários, compondo um quadro diversificado de perspectivas do Ensino de História, dentro de uma mesma sala de aula. Foi intenção constatar aquilo que se apresentou mais consolidado no imaginário dos alunos que pesquisamos. Resta-nos perguntar como podemos problematizar estes conceitos emergentes no imaginário dos alunos ao longo das aulas de História.

## Referências Bibliográficas

---

ABUD, Kátia; Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. IN: BITTENCOURT, Circe (org). O Saber histórico na sala de aula. 11. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009 – (Repensando o ensino). Pp. 28-41.

BEZERRA, Holien G. “Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos”. IN: KARNAL, Leandro (org.) História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e propostas. – 6ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

BITTENCOURT, Circe (org). O Saber histórico na sala de aula. 11. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009 – (Repensando o ensino). Pp. 11-27.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões 3 aprendizados. – Campinas, SP: Papirus, 2003.- (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GALLO, Silvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. IN: Cotidiano Escolar: emergência e invenção. CAMARGO & MARIGUELA (orgs). Piracicaba: Jacintha Editores, 2007. Pp. 21-39.

MAGALHÃES, Marcelo S. “Apontamentos para se pensar o ensino de História Hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e

---

formação do professor.” Revista TEMPO, v.11n.21a.05, 2007.

PINSKY & PINSKY. “Por uma história prazerosa e consequente”. IN: KARNAL, Leandro (org.) História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e propostas. – 6ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

Secretaria de Educação Básica. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Vol 3. – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

São Paulo (Estados) Secretaria de Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias/ Secretaria da Educação; coord. Geral Maria Inês Fini; Coord. de área, Paulo Miceli. – São Paulo: SEE, 2010.